

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Maria Cristina Lima Paniago Lopes ¹

Rosimeire Martins Régis dos Santos ²

Ana Maria Ribas de Jesus³

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar uma formação continuada de professores indígenas e não indígenas, mediada por uma rede social na *internet* chamada Ning, sob uma perspectiva intercultural. Esta rede social evidenciou-se como uma comunidade virtual, pois foram estabelecidos laços afetivos, nós, conexões e teias de relações entre seus participantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e colaborativa no sentido de que as experiências dos pesquisadores e professores são valorizadas e compartilhadas dentro de um contexto social. Os resultados apontam que os participantes do grupo em formação continuada, apesar de suas dificuldades com o uso da própria tecnologia e com a pouca infraestrutura tecnológica, enxergam estes espaços virtuais como uma possibilidade de novas descobertas, criações e produção de conhecimento, não abandonando os costumes, as tradições e a sua própria cultura.

¹Doutora em Linguística Aplicada e estudos de Linguagem (PUC/SP) Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação – UCDB. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED/UCDB). Endereço: Rua Arcênia, 672, Giocondo Orsi, Campo Grande, MS, Brasil, 79022-040. Telefones: (67) 2109-7834 (67) 9295-5250. E-mail: cristina@ucdb.br

²Doutoranda em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq - Nível C. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED/UCDB). Professora do Curso de Pós-Graduação Educação a Distância da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Endereço: Rua Formosa, 230 - Vila Marly - Campo Grande – MS, Brasil, 79117-080. Telefone: (67) 9614-9378. E-mail: rosimeireregis@bol.com.br

³Mestranda em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq - Nível C. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED/UCDB). Professora da Rede Pública Municipal de Ensino de Campo Grande e Técnica da Divisão de Tecnologias Educacionais/DITEC/SEMED. Endereço: Rua Araçari, 30. Octávio Pécora, Campo Grande, MS, Brasil, 79012-060. Telefones: (67)9112-5921. E-mail: aninha.ribasjs@gmail.com

Palavras-chave: Professores Indígenas e Não Indígenas; Rede Social; Formação Continuada; Interculturalidade

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar uma formação continuada de professores indígenas e não indígenas, mediada por uma rede social na *internet* chamada Ning, sob uma perspectiva intercultural.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e colaborativa no sentido de que as experiências dos pesquisadores e professores são valorizadas e compartilhadas dentro de um contexto social. Segundo Ibiapina (2008, p. 114), a pesquisa colaborativa

aproxima a universidade da escola, visto que, de um lado, contempla o campo da pesquisa, quando o pesquisador aproxima suas preocupações das preocupações dos professores, compreendendo-as por meio da reflexividade crítica, e proporciona condições para que os professores revejam conceitos e práticas; e de outro lado contempla o campo da prática.

O grupo em formação continuada ocorreu em um ambiente virtual por meio da rede social Ning, com a participação de um grupo de 23 professores, sendo 12 professores indígenas e 11 professores não indígenas, todos do Estado de Mato Grosso do Sul.

A rede social virtual Ning é composta de ferramentas de comunicação assíncrona e síncrona. Os dados coletados para essa pesquisa se deram por meio das postagens no fórum da rede Ning, interface assíncrona onde os membros participantes do grupo em formação continuada estabeleceram suas interações virtuais.

Os excertos foram transcritos sem qualquer alteração e os professores e professoras identificados neste trabalho por estados brasileiros, no sentido de manter o anonimato dos participantes da formação continuada.

A pesquisa consta com um documento de termo de anuência e geração de registros assinado pelo representante legal da escola e termo de consentimento livre e esclarecido dos indivíduos participantes da pesquisa no sentido de atender os aspectos éticos de pesquisa em seres humanos.

Portanto, para atender o objetivo desta pesquisa, este artigo foi organizado da seguinte forma: iniciamos com conceitos sobre formação continuada sob uma perspectiva intercultural. Em seguida, debatemos a inserção das tecnologias de informação e comunicação no ensino e

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

na aprendizagem, mais especificamente, sobre a rede social Ning. Por fim, tecemos algumas considerações sobre as implicações de tal uso na formação docente com perspectivas de desenvolvimento de uma comunidade virtual.

2 A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

A formação continuada é entendida nesse texto no momento em que o professor percebe que para conhecer, é necessária atualização permanente, uma vez que, como esclarecem Estrela e Freire (2009, p.5), a educação escolar é, atualmente, um campo de ação em constante mutação: mudanças organizacionais, curriculares, extracurriculares e outras, definidas num quadro de sucessivas reformas e políticas educativas que exigem dos professores novos papéis, novas competências e ainda acrescentamos diálogos entre culturas. Segundo Maués (2011, p. 81):

[...] a formação continuada, dentro do espírito da aprendizagem ao longo da vida, é uma política defendida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Para essa organização existem três estratégias principais de formação que devem servir como políticas de formação: a licença sabática, na qual o professor tem um apoio financeiro para se aperfeiçoar; a frequência a cursos que são vinculados aos resultados das avaliações do trabalho docente; e finalmente aquelas formações derivadas das necessidades indicadas pela própria escola. Mas no que a OCDE insiste é sobre a necessidade de que professores se sintam motivados e tenham consciência de que precisam se atualizar permanentemente.

Em relação a esta atualização permanente, Almeida (2005, p.11) pontua que “a formação continuada engloba o conjunto das atividades de formação desenvolvidas após a formação inicial e que se realizam ao longo de toda a carreira docente, nos mais variados espaços e com um número incontável de parceiros”.

Neste sentido, é pertinente refletir sobre esta formação continuada considerando as diferentes culturas que perpassam tal contexto, no caso, professores indígenas e não indígenas.

Fleuri (2003, p.26) propõe a perspectiva da educação intercultural como estratégia para potencializar a própria ação desencadeada pelo conflito, mediante o diálogo e o encontro, de modo a constituir espaços alternativos produtores de outras formas de identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente.

Indo ao encontro da promoção do diálogo, Vieira (1999, p.368) pensa em “professores que sejam capazes de pôr em prática a pedagogia da divergência e não apenas de convergência”, abertos para respeitar a alteridade do diferente. Também Weber (2003) afirma que a promoção de diálogo com o conhecimento produzido na academia e a tematização de questões sociais atuais, presentes nas linhas de ação no Pacto de Valorização do Magistério e Qualidade da Educação, devem ser consideradas na formação continuada.

O excerto da professora Amazonas evidencia uma das linhas de ação destacadas por Weber quando ela pontua uma realidade que vivencia em seu contexto atual na aldeia em que vive:

"[...] Moro na aldeia XXX desde que nasci. Mas hoje com o avanço das tecnologias no mundo virtual tenho a necessidade de estar tendo acesso a essas maravilhas que a tecnologia nos oferece".⁴

Segundo a professora Amazonas, o uso das tecnologias pode contribuir com seu trabalho docente e também com o desenvolvimento de seus alunos, o que evidencia sua preocupação não só individual, mas também com o outro.

Gusmão (2003, p. 103) leva-nos a refletir que estamos diante de uma trama: a diversidade social e cultural que nos desafia, cotidianamente, a rever nossas práticas culturais e pedagógicas, permitindo-nos pensar na dificuldade dos docentes pesquisados em lidar com a diferença e com a alteridade dos alunos índios na escola. Isso exige flexibilidade, reflexão e inquietação diante do cenário em que vivemos hoje, levando-nos a refletir “a diferença do outro, a semelhança do mesmo”. A autora propõe criarmos, num espaço comum, relações solidárias e democráticas, “[...] sem transformar o outro num igual sem face, mas admitir sua igualdade - de direitos, de cidadania ou o que mais seja, preservando-lhe a diferença”.

Nesse sentido, entendemos que a formação continuada sob a perspectiva intercultural constitui-se em um processo permanente de trocas, diálogos, (re) significações, reflexões e questionamentos. Portanto, faz-se necessário pensar que, por estarmos inseridos em uma sociedade digital na qual as tecnologias de informação e comunicação estão presentes, não podemos ignorá-las no processo educacional. Pensando nos professores indígenas e não indígenas, a negação da existência destas tecnologias pode implicar em um processo de exclusão, aumentando o fosso entre as diferentes culturas e contextos e minimizando as possibilidades pedagógicas de uso de tais recursos.

⁴ Utilizaremos para transcrições de depoimentos, entrevistas e dados fonte Comic Sans MS, corpo 11 e itálico (Nota dos Editores).

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Desta forma, pensamos que a formação, não pode restringir-se à passagem de informações sobre o uso do computador, da *internet*, das redes sociais, da informática. Neste sentido entendemos que a formação deva ser para além do técnico. Não é a quantidade e a qualidade dos equipamentos que irão garantir que a formação seja de qualidade.

Para irmos além deste pensamento tecnológico, ALMEIDA & PRADO relembram que

[...] para evitar ou superar o uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer as novas formas de aprender e de ensinar, bem como de produzir, comunicar e representar conhecimento, possibilitadas por esses recursos, que favoreçam a democracia e a integração social (2004, p.18).

Outro aspecto relevante é apontado por Valente

[...] a formação do professor deve prover condições para que ele construa conhecimento sobre e entenda por que e como integrar o computador na sua prática pedagógica [...] Essa prática possibilita a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdo e voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada aluno. Finalmente, deve-se criar condições para que o professor saiba recontextualizar o aprendizado e a experiência vivida durante a sua formação para a sua realidade de sala de aula compatibilizando as necessidades de seus alunos e os objetivos pedagógicos que se dispõe a atingir (VALENTE, 1997, p. 14).

O espaço de formação deve acontecer contemplando o cotidiano do professor, de modo que a sua própria experiência no uso do computador na sua prática pedagógica seja tratada como objeto de reflexão e de construção de novos conhecimentos e agregando novos sentidos ao ensinar e aprender, à formação e à prática docente. Conforme destaca Moraes (1997, p. 21)

Não é suficiente apenas ensinar o uso de novas ferramentas, mas sim desenvolver saberes que promovam o surgimento de uma "nova cultura que integra um processo de comunicação de interação e interdependência e que amplia a capacidade das pessoas de se conectarem com outras pessoas e ao mesmo tempo, se constituírem e agirem como parte de um todo altamente habilitado e interdependente, dominando a tecnologia, contribuindo para o desenvolvimento da ciência e se apropriando do conhecimento para o seu próprio benefício e de sua sociedade".

Ou seja, preparar os professores para a mudança de cultura necessária, no contexto desse estudo, significa levá-los a conviver em redes sociais e fazer com que eles possam observar e refletir sobre o próprio processo de formação continuada, interação, colaboração e

de transformação. Os professores precisam refletir e criar possibilidades para que mudanças possam acontecer em suas práticas docentes, no sentido de transformações e mudanças.

Em nossas experiências quando se organiza grupos de formação continuada mediada pelas redes sociais, seja esse constituído por alunos, pesquisadores, professores em formação continuada ou professores em exercício, a presença de diferentes pontos de vista impulsiona as aprendizagens. As discussões de experiências, juntamente com o estudo de textos teóricos, propiciam a reflexão entre teoria e prática, possibilitando a partilha das experiências, das interpretações, da relação entre elas e das possibilidades de por em prática o que é discutido.

3 FORMAÇÃO EM REDES SOCIAIS MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Pensado que a escola deve acompanhar os avanços tecnológicos, é fundamental a formação continuada de professores para acompanhar as novas gerações, construindo novos saberes e conhecimentos, explorando as possibilidades de recursos tecnológicos e midiáticos como as redes sociais, os blogs, os ambientes virtuais de aprendizagem. Portanto, entendemos que é necessária ao professor uma formação que contemple a integração do computador ao currículo e reflexão pedagógica necessária à reconfiguração do conhecimento, sua produção e partilha, de modo a tornar possível e real a aprendizagem.

Atender essa nova realidade, tem se revelado muitas vezes tarefa difícil e desafiante aos professores, fator que nos instiga a investigar, analisar, entender e problematizar a formação continuada de professores indígenas e não indígenas, mediada por uma rede social na *internet* chamada Ning, sob uma perspectiva intercultural é o nosso objetivo.

Almeida e Prado (2011, p. 36) destacam que a tecnologia e a formação de professores vêm sendo discutidas e pesquisadas por estudiosos (ALMEIDA, 2004; PRADO, 2003, VALENTE, 1999). Estes autores apontam a importância de desenvolver a formação do professor em uma perspectiva contextualizada para que ele possa vivenciar os princípios construcionistas, integrando o computador ao currículo, à reflexão e à construção de sua própria prática docente.

Assim, os desafios que instigam a capacidade humana na busca de novas alternativas educativas diante das tecnologias nos fazem pensar a formação dos professores para o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Para fundamentarmos a discussão, buscamos

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Falavigna (2009) que analisa o uso de multimeios e tecnologias digitais no processo ensino e aprendizagem; Nóvoa (2007) anuncia o surgimento de um novo sujeito capaz de aprender através da interação tecnológica, sendo necessário que as instituições de ensino se adaptem humanamente e tecnologicamente para atender esse novo sujeito; por sua vez, Kenski (2010) analisa a transição social para uma nova postura no modo de fazer e trabalhar a educação a partir das tecnologias; e, Barreto (2004) pontua que as Tecnologias da Informação e Comunicação devem justamente ser compreendidas como fator de atravessamento na formação de professores, deslocando sentidos e territórios.

Desse modo, ressaltamos a importância de pensar na incorporação das TIC nos contextos educativos e na formação de professores em tempos de redes sociais.

A intensificação do uso das ferramentas tecnológicas na formação de professores pode ser compreendida como apropriação cultural e pedagógica das novas tecnologias na educação.

Quando se pensa em tecnologias educacionais, não se trata simplesmente da sua introdução na formação docente, mas da promoção de diálogos problematizadores, reflexivos e críticos entre os professores. Nesse sentido, é preciso compreender os processos históricos e culturais vividos por esse grupo de professores indígenas e não indígenas, desvencilhando-nos dos preconceitos estabelecidos, escutando a si e ao outro, respeitando o pluralismo

[...] um dos grandes desafios da contemporaneidade passou a ser a construção da unidade social em sociedades marcadas por significativas diferenças e desigualdades pessoais e coletivas. Escutar a si e ao outro se torna, portanto, a condição para o reconhecimento e a comunicação. Esta é para mim uma das mais importantes tarefas educativas, hoje: educar para que os sujeitos reconheçam a si mesmo e aos outros. Isso talvez seja mais significativo do que ensinar conteúdos que podem ser aprendidos em muitos outros espaços. Para escutar, numa relação solidária, é preciso, contudo assumir a própria identidade, entrar em relação com a diferença e rejeitar as desigualdades (MOREIRA e CANDAU, 2010, p. 201)

Antes de tudo, a esse professor, devem ser dadas oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao processo de ensino e aprendizagem. Segundo Mercado (1999, p.90)

É muito difícil, através dos meios convencionais, preparar professores para usar adequadamente as novas tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que eles atuem no local de trabalho, no entanto, as novas tecnologias e seu impacto na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de

professores, e as oportunidades de se utilizarem nem sempre são as mais adequadas à sua realidade e às suas necessidades.

Assim, pensamos que qualquer proposta de formação continuada para professores deva ter como eixo a prática pedagógica e o seu contexto e incorporar as tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica de forma adequada e coerente, como meio e possibilidades de melhorar a qualidade da educação e as relações pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem.

As redes sociais, consideradas como espaço de interação, podem se configurar ou vir a ser outro local de aprendizagem na formação de professores, pela possibilidade de convivência com o outro. Como afirmam Rodrigues, Maraschin e Laurino (2008, p. 236)

para compreender o processo de formação de professores em uma rede de conversação, torna-se necessário desenrolar e retramar os fios que tecem as diferentes redes de conversações que possibilitam a interlocução dos saberes docentes, uma vez que os professores continuam sendo os principais atores e responsáveis por sua formação contínua, pois decidem de maneira autônoma seus objetivos e planejamentos.

Além disso, com o crescimento das redes sociais virtuais, a educação pode utilizá-las com o propósito de socialização e democratização do saber, no sentido de buscar novas formas de ensinar e aprender, principalmente sob uma perspectiva dialógica, interativa e colaborativa, em que os participantes do processo tornam-se mais autônomos e em constante formação.

Tendo em vista essa concepção de formação por meio de uma rede social, utilizamos o ambiente Ning, que permite aos seus usuários a criação de sua própria página e o compartilhamento de interesses comuns, por meio de suas ferramentas de comunicação síncrona (fóruns, página pessoal, membros, eventos, etc.) e assíncrona (chat). Possibilita ainda, a inserção de multimídia e hipertexto.

Recuero (2009) explica que a rede social na *Internet* é constituída por dois elementos básicos: os atores e suas conexões. As conexões são formadas por atores que se relacionam e estabelecem laços sociais. Por meio da interação social eles vão se conectando a outros e a rede vai se ampliando.

Nesse sentido, Castells (2004, p. 14) observa que a *Internet* impulsiona redes de informação, que chama de “conjuntos de nós interligados”. O autor afirma que a atividade social, em toda a sua diversidade, apropriou-se da *Internet*, que tem efeito positivo na

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

interação social e tende a aumentar o grau de exposição a outras fontes de informação. O excerto postado pela Professora Bahia menciona dados que evidenciam a interação social e a distribuição de informações e os nós que poderão surgir na rede.

Não me esqueci dos livros que quero lhe presentear. Logo estaremos na Aldeia e vou levar o que puder para você. Quando precisar de material para as suas aulas, clique na minha página docente, há muito material para ser utilizado.

As redes sociais possibilitam trocas de ideias com outros integrantes, permitem que tenham diferentes formas de organização do pensamento. Por meio da interação, podemos aprofundar conhecimentos além de obter *feedback* do outro que também compartilha do mesmo ambiente. É permitido aos integrantes da rede alcançar liberdade para ir e vir, navegando nas informações disponíveis a qualquer momento, em qualquer lugar, além de permitir-lhes descobrir o ciberespaço como uma possibilidade de reencantamento da aprendizagem, conforme o excerto a seguir:

"[...] e estou muito feliz em poder compartilhar experiências com vocês! Aqueles que estão felizes como eu, manifeste-se aqui, dizendo o que aprendeu, o que gostou, e o que te ajudou nesse dia (Professora Rio Grande do Norte).

A diversidade e complexidade de argumentações inseridas na rede pesquisada assinalam pistas e possibilidades que problematizadas, lidas e discutidas entre os participantes passam a ter diferentes significados. Segundo Ferraço (2008, p. 31)

Os depoimentos de estudantes e educadores na rede revelam um emaranhado de lógicas, discursos, ideias, hipóteses e metáforas, encharcadas de arbitrariedades, esperanças, solidariedade, valores, religiosidade, idiosincrasias, imediatismo, valores, absurdos, fantasias, pastiche, utilitarismo e preconceitos, que precisam ser assumidos como fios e nós presentes na tessitura das redes de saberes fazeres dos sujeitos cotidianos fazendo parte, portanto, dos currículos praticados e, por efeito, dos processos de formação continuada.

Nesses processos de emaranhados, fios e nós na rede, Santos e Lopes (2012, p. 102) observam que:

[...] nas conexões que as redes podem propiciar, podemos explorar o senso de pertencimento de alunos e professores aos contextos educacionais e sociais nos quais estão inseridos. Consequentemente, é possível partilhar identidades, experiências, concepções, conhecimentos, promovendo tanto a aprendizagem individual como também a coletiva.

Outro elemento relevante nessa pesquisa é o processo de colaboração que pode ser percebido nessa rede social. Lopes (2011, p. 145) menciona que neste processo de colaboração, somos responsáveis pela nossa própria aprendizagem e pela aprendizagem dos outros. A autora ainda complementa que participar de um ambiente de colaboração é, antes de tudo, interligação de dois ou mais sujeitos voltados ao compartilhamento de experiências, ponto de vista, práticas, conhecimentos, respeitando as diferenças para uma convivência harmoniosa. Esta interligação de dois ou mais sujeitos foi evidenciada nos diálogos ocorridos entre os professores e professoras em formação, tanto no sentido de partilhar informações, solicitar ações, expressar ideias e dividir experiências vivenciadas em sala de aula mediada pelas tecnologias.

Se pensarmos na perspectiva do diálogo intercultural, a rede social pode tornar-se uma ferramenta facilitadora no enfrentamento, por parte dos povos indígenas, do preconceito étnico. Confrontar as convicções de boa parte da sociedade, que ainda acredita que os povos indígenas devem assimilar-se à cultura não indígena ou isolar-se de vez é uma das intenções da comunidade ao se apossar das novas tecnologias e “mostrar-se”, por meio da *Internet*. Isso está muito explícito no excerto da professora Rio Grande do Sul:

[...] aqui surge um novo olhar sobre a educação com uma preocupação da Educação Escolar Indígena e Educação Indígena. Apesar de não termos apoio de algumas entidades que teriam que estar nos auxiliando como Professor indígena. Falta valorização do profissional da Educação, principalmente quando se diz no Professor Indígena e que esse dia seja muito proveitoso pra nós como Professor. O que esperamos de que futuramente sejamos reconhecidos e visto com um novo olhar.

Sendo assim, as redes de relacionamento estabelecidas na *internet* podem superar o poder das redes globais, o que, para Castells (2004, p. 174), “reconstrói o mundo a partir de baixo, ou seja, a *Internet* passa a ser uma alavanca de transformação social, um espaço para revelar a diversidade”.

4 NÓS INTERCONECTADOS: REDES SOCIAIS E COMUNIDADES VIRTUAIS

Podemos entender que a rede social constituída durante o processo de formação continuada de professores indígenas e não indígenas se aproximou ao conceito de comunidade virtual proposto por Rheingold (1994, p.18): “As comunidades virtuais são agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Assim, a ideia de comunidade virtual implica em uma não presença, uma desterritorialização onde as referências de tempo e de espaço na sociedade em rede, denominada por Castells (1999), já não são mais as mesmas.

Segundo Tijiboy e Machado (2005), na educação, a participação em comunidades virtuais de debate e argumentação encontra um campo fértil a ser explorado. Através dessa complexidade de funções, percebe-se que as redes sociais virtuais por meio das comunidades virtuais são canais de grande fluxo na circulação de informação, vínculos, valores e discursos sociais, que vem ampliando, delimitando e mesclando territórios. Entre desconfiados e entusiásticos, o fato é que as redes sociais virtuais são convites para se repensar as relações em tempo pós-modernos.

Partindo das idéias das autoras Tijiboy e Machado (2005), é preciso dar especial atenção às comunidades virtuais surgidas a partir das redes sociais virtuais, pois as mesmas podem atuar como mediadoras no processo de ensino-aprendizagem, facilitando a comunicação, a interação e a formação continuada, além de contribuir na construção de novos conhecimentos e, conseqüentemente, concretizar um processo de aprendizagem colaborativa como menciona Almeida (2002,p.75)

A integração das dimensões tanto presencial quanto virtual na formação de educadores, favorece ao grupo em formação a criação de redes individuais de significados e a constituição de uma comunidade de aprendizagem que cria a sua própria rede virtual de interação, cooperação e colaboração, caracterizada por avanços e recuos num movimento não-linear de inter-conexões em um espaço complexo.

Notamos que a possibilidade de diálogos entre indivíduos geograficamente separados, mas que compõem um mesmo espaço na rede, favorece a criação coletiva. O ciberespaço passa a ser muito mais do que um meio de informação e sim de produção de saberes, um espaço para expressar valores e fortalecer a identidade étnica, possibilitando expressões individuais e coletivas de vozes distintas. Neste sentido, Giroux (1999, p.28) enfatiza que

Os alunos têm lembranças, famílias, religiões, sentimentos, linguagens e culturas que lhes proporcionam uma voz distinta. O mesmo autor ainda afirma que podemos engajar criticamente essa experiência e ir além dela. Mas não podemos negá-la.

Não podemos deixar de registrar que no decorrer desse processo de formação continuada, nos deparamos com dificuldades quanto ao uso da própria tecnologia e com a

pouca infraestrutura tecnológica. Tais situações foram evidenciadas e discutidas coletivamente tendo em vista a busca das soluções para os problemas. O excerto da professora Mato Grosso do Sul evidencia a necessidade de familiarização com a tecnologia.

"Acredito que um dos grandes desafios é a familiaridade com a tecnologia, ou seja, conhecer um pouco dela para nos ajudar a implementar nossas práticas docentes"

Sob esta ótica, compreendemos que nesta comunidade virtual de professores indígenas e não indígenas, a inserção das tecnologias em suas vidas não foi vista com resistência, mas como processos de negociação e ressignificação, em que partilhas foram feitas e experiências trocadas. Vale pontuar que tradição e mudança não se opõem, mas se articulam e podem fazer parte do mesmo processo de afirmação e de empoderamento, no caso, dos professores indígenas e não indígenas. Estes novos meios de afirmação identitária indicam processos muito mais complexos e que vão além da resistência, permitindo a emergência de "negociações" e "ressignificações" (BHABHA, 1998, p. 51-69). As negociações e ressignificações podem ser evidenciadas nos excertos dos professores a seguir:

Vcs conhecem o site www.indioeduca.org ?

Muito bacana, dêem uma olhada.

Poderíamos entrar em contato com o grupo para partilhar experiências, o que acham?

Abraços (Professora Mato Grosso do Sul).

Gostaria de apresentar o Ponto de Cultura Teko Arandu, uma experiência de inclusão digital que funciona na Aldeia XXX e Aldeia XXX, e dizer que estamos à disposição para interagir e aprender como indianizar as tecnologias digitais (Professor Mato Grosso).

Entendemos de acordo com os dados evidenciados na rede social Ning, que esta formação continuada intercultural de professores indígenas e não indígenas se evidenciou como um grupo em movimento, não estático, conectado, muito mais do que simples espaço para repositório de informações. Segundo os pesquisadores Lévy (1999) e Palloff & Pratt (2002), uma comunidade virtual é formada a partir de afinidades, de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos e de valores de troca, estabelecidos num processo de cooperação.

Vale salientar que a *Internet* permite novas "estratégias dialógicas", entre sujeitos "híbridos" (HALL, 2009, p. 326). Esses diálogos então, "permitem a partilha de conhecimentos para além de toda a falsa oposição entre o moderno e o tradicional, a cultura escrita e a cultural oral, a racionalidade e a dimensão afetiva (MARÍN, 2009, p. 128).

Tal partilha é explicitada no excerto da professora Paraíba:

"A nossa intenção é adquirir mais experiências em meio não indígena, uma outra realidade, aqui surge um novo olhar sobre a Educação".

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Neste sentido, a formação continuada de professores em uma rede social virtual com as teias de relações inerentes à comunidade virtual pode contemplar a produção do conhecimento dos próprios membros da rede. Tendo sua estrutura fundamentada na interação entre os participantes e na troca constante, as comunidades virtuais propiciam a aprendizagem colaborativa. "A rede colaborativa de aprendizagem permite que cada participante possa expressar suas ideias, defendê-las e redefini-las [...] o que contribui para a construção do conhecimento" (NUNES, 2000, p.2).

Consideramos importante destacar que as comunidades virtuais podem constituir-se em novas oportunidades para a formação continuada de professores e construção coletiva de conhecimentos entre culturas, tornando-se extremamente relevante refletir a integração de uma rede social com o currículo na vivência desses professores em processo de formação como aponta Moraes (1997, p. 96) "a visão do conhecimento em rede constitui um instrumento para a transformação potencial do próprio conhecimento.

Se a construção do conhecimento é contínua e se aprendemos em nossas relações, nas experiências profissionais e sociais, o sistema educacional necessita conceber-se de uma nova postura, no sentido de contemplar recursos inovadores, orientando a aprendizagem, capitalizando conhecimentos, experiências, trocas, colaboração espontânea e provocando a busca pelo novo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam que os participantes do grupo em formação continuada, apesar de suas dificuldades com o uso da própria tecnologia e com a pouca infraestrutura tecnológica, enxergam estes espaços virtuais como uma possibilidade de novas descobertas, criações e produção de conhecimento, não abandonando os costumes, as tradições e a sua própria cultura.

A análise dos dados permite concluir que esta rede social, constituída ao longo dessa formação como uma comunidade virtual, evidenciou o estabelecimento de laços afetivos, nós, conexões e teias de relações entre seus participantes.

Acreditamos que a formação continuada de professores em uma comunidade virtual por meio do diálogo permanente pode ser um importante passo para o domínio das

tecnologias educativas ampliando as possibilidades de exploração desses recursos de forma crítica e criativa, acompanhando o currículo em rede e as mudanças da sociedade, dando lugar a novas descobertas, mas não abandonando os costumes, as tradições e a cultura de um povo, ou seja, valorizando as diversidades e riquezas dos pares envolvidos.

Cabe esclarecermos que, pensando a educação intercultural na formação continuada de professores indígenas e não indígenas em uma comunidade virtual, o currículo deva ser construído respeitando os saberes de cada membro, individual e coletivamente, no processo de ensino e aprendizagem em rede.

Sob uma perspectiva intercultural, o currículo precisa ser concebido como algo dinâmico, construído e reconstruído através de múltiplas vozes. Nesse sentido, é possível desenvolver um trabalho onde redes de saberes devam ser tecidas por meio da construção coletiva do pensamento, de relações de parceria e colaboração espontânea.

Assim, a formação continuada de professores indígenas e não indígenas em uma comunidade virtual deve incluir uma perspectiva de diálogo intercultural num processo interativo de trocas, construção e reconstrução de saberes em rede e de um currículo que considere uma sociedade múltipla e diferente.

Portanto, os participantes do grupo em formação continuada devem ser encorajados a discutirem os seus objetivos, intenções, expectativas, dúvidas, conhecimentos prévios, de modo tal que na atuação e interação o sentido e os significados possam ser desvelados. Esse processo há de ser constante. Através dessas conexões que vão emergindo e fluindo no coletivo, a aprendizagem vai se tornando cada vez mais interessante, significativa e consistente, permitindo o acesso ao conhecimento universal.

CONTINUING EDUCATION TEACHER OF INDIGENOUS AND NON-INDIGENOUS MEDIATED SOCIAL NETWORK ON THE *INTERNET*: A PERSPECTIVE INTERCULTURAL

Abstract

This research aims to analyze continuous training of teachers indigenous and non-indigenous, mediated by a social network on Ning called *Internet* under an intercultural perspective. This social network has come up as a virtual community as they have been established emotional ties, webs of connections and relationships between its participants. This is a qualitative

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

research and collaborative in the sense that the experiences of researchers and teachers are valued and shared within a social context. The results show that participants in the group continuing of education, despite their difficulties using the technology itself and with little technological infrastructure, they see these virtual spaces as a possibility for new discoveries, creations and knowledge production, not forsaking the customs, traditions and their own culture.

Keywords: Indigenous and non indigenous teachers; Social Network; Continuing Education; Interculturality

PROFESOR DE EDUCACIÓN CONTINUA INDÍGENAS Y NO INDÍGENAS DE LA RED SOCIAL MEDIADA EN *INTERNET*: A PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar la formación continua de profesores indígenas y no indígenas, mediada por una red social en *Internet*, llamada Ning, en una perspectiva intercultural. Esta red social surgió como una comunidad virtual, ya que se han establecido lazos afectivos, redes de conexiones y relaciones entre sus participantes. Se trata de una investigación cualitativa y de colaboración en el sentido de que las experiencias de los investigadores y los profesores son valoradas y compartidas dentro de un contexto social. Los resultados muestran que los participantes del grupo de educación continua, a pesar de sus dificultades para usar la tecnología y con poca infraestructura tecnológica, ven estos espacios virtuales como una posibilidad de nuevos descubrimientos, creaciones y de producción de conocimiento, sin dejar sus costumbres, sus tradiciones y su propia cultura.

Palabras clave: Maestros indígenas y no indígenas, Red Social, Educación Continua, Interculturalidad

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel. **Formação Contínua de Professores em face às múltiplas possibilidades e aos inúmeros parceiros existentes hoje**. Rio de Janeiro: TVE - Salto para o Futuro (Artigo publicado em "Cadernos"), 2005.

LOPES, M. C. L. P.; SANTOS, R. M. R.; JESUS, A. M. R.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de (Org.); PRADO, Maria Elisabette B (Org.). **O computador portátil na escola**. Mudanças e desafios nos processos de ensino e aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Avercamp, v. 1. 112, 2011.

_____. **Inclusão digital do professor**. Formação e prática pedagógica. São Paulo: Editora Articulação, 2004.

_____. Incorporação da tecnologia de informação e comunicação na escola: vencendo desafios, articulando saberes e tecendo a rede. In: Maria Candida Moraes. (Org.). **Educação a distância: fundamentos e práticas**. Educação a distância: fundamentos e práticas. Campinas, SP: Unicamp/NIED, 2002, v. , p. 71-90.

BARRETO, R. G. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1181- 1201, set./dez. 2004.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Tradução de Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ESTRELA, Maria Teresa; FREIRE, Isabel. Formação de Professores. **Sísifo** - Revista de Ciências da Educação, n. 8, p. 3-5. jan/ fev/mar/abr, 2009.

FALAVIGNA, Gladis. **Inovações centradas na multimídia: repercussões no processo ensino-aprendizagem**. Porto Alegre: Edipuc, 2009.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas - 2a Edição. In: Carlos Eduardo Ferraco. (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo. 2ed.São Paulo/SP: Cortez, 2008, v. 1, p. 15-42.

FLEURI, Reinaldo. Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ago, p. 16-35, 2003.

GIROUX, Henry. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional** – novas políticas em educação. Porto Alegre, Artes Médica, 1999.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. (Org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS MEDIADA POR UMA REDE SOCIAL NA *INTERNET*: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes Melo. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro Editora, 136p, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9ª Ed. Campinas: Papirus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. Comunidade Virtual no Ensino-Aprendizagem de Línguas: interação, diálogo e colaboração. In: Ruberval Franco Maciel; Vanessa de Assis Araujo. (Org.). **Formação de professores de línguas**: ampliando perspectivas. 1ª ed. Jundiaí: Paco Editorial, p. 141-154, 2011.

MAUÉS. Cabral Olgaíses. Política da OCDE para a educação e a formação docente. A nova regulação? **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 75-85, jan./abr, 2011.

MARÍN, José. **Interculturalidade e descolonização do saber**: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. *Visão Global*, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 127-154, jul./dez. 2009.

MERCADO, Luís Paulo L. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió:EdUFAL, 1999

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 8 ed. Campinas:Papirus, 1997.

MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NÓVOA, Antônio. Formação de Professores. **Revista Aprendizagem**. Ano 1 nº. 2, setembro/outubro. São Paulo: Melo, 2007.

NUNES, Flávio Luis Barbosa. **Redes colaborativas de aprendizagem**. UNIREDE. Informe 63. Ano 2000. Disponível em: <<http://www.unirede.br/informe/063/index.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

PRADO, Maria Elisabete Brisola Brito. **Educação a distância e formação do professor**: redimensionando concepções de aprendizagem. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2003.

PALLOFF, Rena e PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. São Paulo: Editora Artmed, 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual**: Una Sociedad sin Fronteras. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. Barcelona, 1994.

LOPES, M. C. L. P.; SANTOS, R. M. R.; JESUS, A. M. R.

RODRIGUES, Sheyla Costa; MARASCHIN, Cleci; LAURINO, Débora Pereira. (2008). Rede de conversação, formação de professores e tecnologias digitais. **Cadernos de Educação**. (UFPel), v. 30, p. 235-244.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis; LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. Conectar-se e Cair na Rede? Concepções de Alunos Universitários Indígenas Sobre o Uso das Tecnologias e de Redes Sociais. **Contrapontos** (UNIVALI). Cont. ISSN 1984-7114 Contrapontos (Online), v. 12, p. 97-103, 2012.

TIJIBOY, Ana. Vilma; MACHADO, Joicemegue. Ribeiro. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação**. Porto Alegre, v. 3, n. 1., 2005.

VALENTE, José Armando. Visão analítica da Informática na Educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. RS: Sociedade Brasileira de Computação, nº 1, set. de 1997.

_____. Formação de professores: diferentes abordagens pedagógicas. In: J. A. Valente (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED-Unicamp, 1999.

VIEIRA, Ricardo. **Histórias de vida e identidade**. Professores e Interculturalidade. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

WEBER, Silke. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1125-1154, 2003.

Data de recebimento. 04/09/2012

Data de aceite. 13/03/2013